



# ESTAMOS COM OS ÓCULOS CERTOS PARA O METAVERSO?

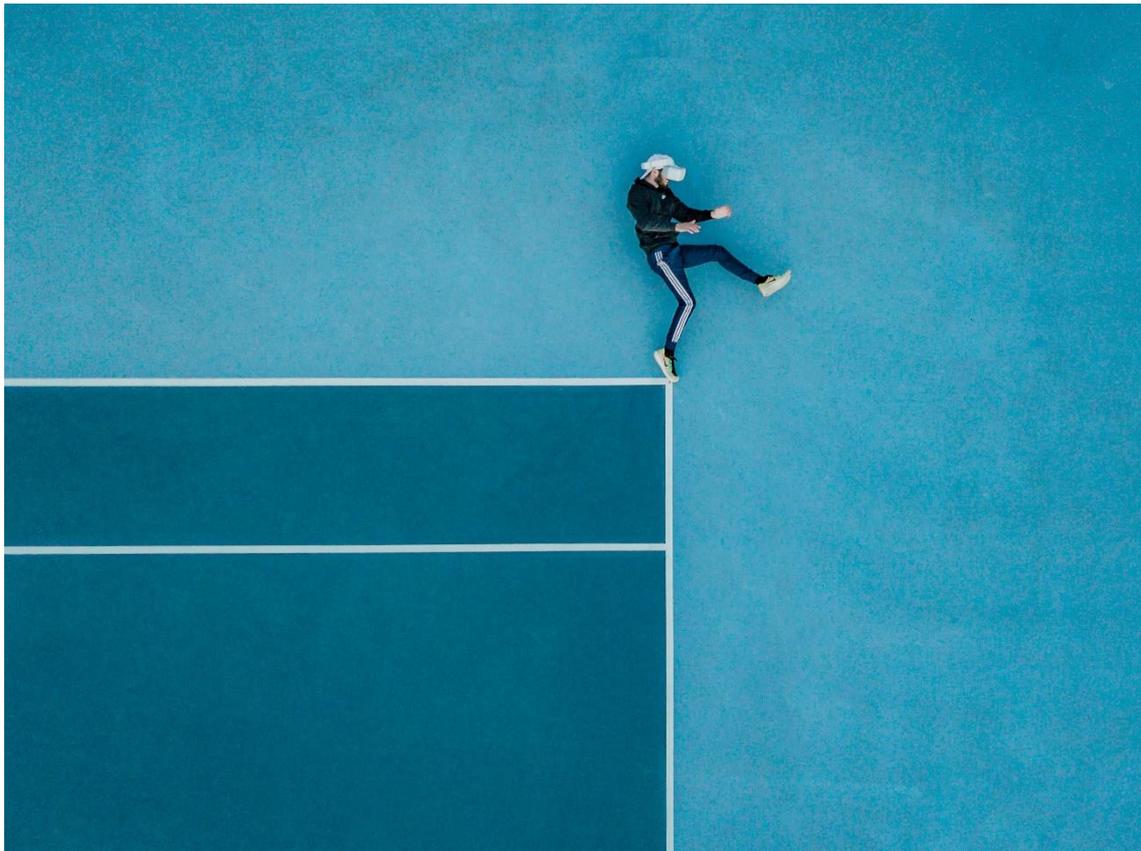


Photo by Martin Sanchez on Unsplash

Muito se tem escrito e falado sobre metaverso e o termo virou a *buzzword* mais *trend* da atualidade. Entretanto, será que estamos enxergando todo o potencial – e problemas – que essa promessa autorrealizável tem a oferecer?

Na minha humilde opinião, não; e com certeza não conseguiremos ver todos os possíveis desdobramentos tão cedo, da mesma forma que até hoje muitos ainda não compreendem totalmente o que é a *Internet* e o que ela permite fazer.

E isso talvez se deva ao fato de que só se começou a falar a respeito de metaverso com maior frequência após a mudança de nome da controladora do Facebook para Meta, em paralelo com o famoso vídeo de seu criador apresentando o próprio avatar e como ele imagina que tudo será daqui para a frente.



A partir desse momento, o conceito de metaverso passou a significar, no imaginário geral, um lugar a que teríamos acesso por meio de um sistema único, centralizado e, claro, desenvolvido pela Meta.

Embora essa empresa já tenha gastado mais de U\$ 10 bilhões com esse objetivo, basta se aprofundar um pouco mais no assunto para ver que não será bem assim, já que há outros interessados em ser a referência desse novo mundo *phygital*, como passou a ser conhecida a união entre o físico (*physical*) e o digital.

De qualquer modo, seja por meio da Meta, da Decentraland ou do ressuscitado Second Life, me parece que estamos tentando ver o futuro usando as lentes do passado.

Seria simplório demais simplesmente presumir que nessa nova realidade haverá o mesmo nível de concentração que existe hoje, decorrente do domínio das redes sociais e do cenário tecnológico pelas chamadas *big five*, também conhecidas pelo já ultrapassado acrônimo FAANG (Facebook/Meta, Aamazon, Apple, Netflix e Google/Alphabet).

Isso porque a realidade inicial dessa nova fase em que entramos é outra totalmente diferente daquela que possibilitou o crescimento e o implacável domínio de mercado pelas empresas acima mencionadas.

No novo mundo da chamada internet 3.0, ou simplesmente Web 3, o poder computacional/informacional não provém de uma única fonte, nem de um pequeno grupo de empresas; mas, sim, da **multiplicidade de conexões** possíveis entre os computadores (ou nós) que estão interligados nas diversas redes globais de interação em que cada operação é registrada em uma espécie de imenso e imutável *backup* formado por blocos de informações amarrados um ao outro (*blockchain*) por códigos alfanuméricos que garantem a autenticidade do próprio conteúdo, a data e hora em que os dados foram inseridos no bloco e a origem e destino de cada informação que está depositada e criptografada neles.

Mas por que eu disse que possivelmente não estamos enxergando todo o potencial – e os consequentes problemas – que essa nova era tem a oferecer?

Ao acreditarmos que nesse novo contexto tudo seguirá os mesmos passos anteriormente já dados pela humanidade, não atribuindo a máxima importância ao fato de que, a partir de agora, o poder da informação estará cada vez mais difundido e distribuído, nos arriscamos a deixar escapar da visão o fato de que pode não vir a existir apenas um, dois, três ou um punhado de soluções que possibilitem essa nova experiência digital-metafísica-criativa; mas, sim, inúmeros metaversos, cada qual com uma finalidade e um “dono”, com interesses também próprios.

Deixamos de ver que cada um de nós poderá, em um futuro muito próximo, ter o seu próprio metaverso, tal como hoje temos nosso próprio *website*, *blog*, *vlog* ou perfil social; e que todos esses mini-metaversos (ou *metaclusters*, para continuar na analogia com o Universo) também poderão estar interligados das mais diversas formas imagináveis.

A tecnologia para isso já existe e me parece ser muito mais plausível que cada um invista em criar sua própria realidade pessoal (ou comercial) que simplesmente acreditar que será efetivo que um pequeno grupo de grandes empresas gaste uma infinidade de dinheiro para construir uma espécie de esqueleto “metavérsico” que seja realmente capaz de abarcar todas as possibilidades, necessidades e fantasias que as pessoas passarão a querer desenvolver e experimentar nesse novo mundo.



É claro que é bastante interessante a ideia de existir um universo paralelo em que podemos “ser” o que quisermos e “ter” a aparência que acharmos melhor ou mais agradável; mas mais sedutora ainda é a ideia de termos nosso próprio universo, criado por nós mesmos e para as finalidades que nos parecerem mais relevantes.

Sedutora e, também, mais segura.

A primeira e mais óbvia aplicação seria para o desenvolvimento de negócios virtuais – *phygitalis* ou meramente digitais, conforme o caso – onde seja possível criar, modificar e vender nossos produtos e serviços, dentro de um ambiente totalmente controlado por nós mesmos.

A segunda vantagem de se adotar essa multiplicidade de *mini-metaclusters* é o fato de que nossas informações, pessoais ou negociais, não estariam sujeitas aos critérios e regras de um único ente todo-poderoso como ocorreria dentro de um metaverso supervisionado milímetro por milímetro (ou melhor, bloco a bloco) por uma única empresa ou mesmo por um consórcio de *big techs*.

No passado bastante recente já vimos todas as nefastas consequências da existência de um *big brother* analisando toda e qualquer mensagem, foto, áudio ou vídeo que postamos dentro do ambiente de determinada rede social acreditando estarmos protegidos pela ética e pela boa e velha moral. Seria, então, prudente acreditar que haveria qualquer nível de privacidade agora, em um contexto ainda mais “gravável” e “pesquisável” e em que se tem como regra a imutabilidade *by design*?

Na minha mera opinião de advogado, toda prudência será pouca para evitar vazamentos de dados, ataques de *malwares* e, principalmente, *ransomwares*, como os que vêm ocorrendo nos últimos anos sistematicamente contra hospitais, instituições de ensino e até mesmo órgãos e autarquias dos governos federal, estaduais e municipais.

Por isso, parece ser mais recomendável e plausível que as empresas, pequenas, médias ou grandes, assim como os demais profissionais e todo e qualquer indivíduo, passem a investir cada vez mais em criar e manter suas próprias estruturas virtuais de forma segura e responsável, até mesmo para que possam ter total controle e registro de seus atos ao se relacionarem com outras pessoas no mundo virtual – como já é recomendável que façam no mundo real, mantendo determinados documentos e informações protegidos.

Gastar com isso seria muito melhor que dedicar comissões de até 50% para esses ambientes de intermediação tecnológica, como parece que ocorrerá no caso da Meta, apenas como exemplo do que virá pela frente.

Por fim, de qualquer forma, não é exagerado destacar que tudo que já foi dito sobre metaverso (inclusive o que está escrito acima) só poderá ser confirmado após essa realidade virtual passar pelo crivo da ainda persistente – e útil – realidade concreta (no sentido de vivida, experimentada), não sendo possível afirmar com certeza que as coisas acontecerão de um ou de outro modo.

O que é possível, porém, de forma sóbria e salutar, é sempre nos questionarmos se os óculos que outras pessoas e empresas nos apresentam servem de fato para enxergar a vida do modo mais adequado aos nossos objetivos e interesses, principalmente quando as lentes usadas neles podem não só gravar mas, também, ouvir, registrar, analisar e trabalhar os dados que são gerados por nós mesmos ao utilizarmos tais ambientes.